

O PISTOLEIRO

STEPHEN KING

O PISTOLEIRO

Tradução de
ROSA AMORIM



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2013

A ED FERMAN
que correu o risco com estas histórias, uma a uma

O PISTOLEIRO

A TORRE NEGRA

LIVRO 1

O PISTOLEIRO

1

O homem de negro fugiu pelo deserto e o pistoleiro foi no seu encalço.

O deserto era a apoteose de todos os desertos, enorme, enfrentando o céu ao longo do que poderiam ser parsecs em todas as direções. Branco; ofuscante; sem água; sem nada a apontar com exceção da névoa débil e nebulosa das montanhas que se desenhavam no horizonte, e da erva-do-diabo que trazia sonhos doces, pesadelos, morte. As lápides ocasionais indicavam o caminho, uma vez que outrora aquela insinuação de trilho que rasgava a grossa crosta de álcali tinha sido uma estrada principal, percorrida por diligências. O mundo avançara desde então. O mundo esvaziara-se.

O pistoleiro caminhava, impassível, sem pressas nem delongas. Trazia um odre de couro enfaixado à cintura, como uma salsicha inchada. Estava quase cheio. Progredira no *kehef* ao longo de muitos anos e atingira o quinto nível. No sétimo ou oitavo, não teria sentido sede; poderia ter assistido à desidratação do seu corpo com uma atenção clínica, desapegada, fornecendo água às fissuras e espaços internos vazios somente quando a lógica lhe dissesse que tal devia ser feito. Não estava no sétimo ou no oitavo. Estava no quinto.

Tinha portanto sede, embora não sentisse uma ânsia de beber particularmente forte. De um modo algo vago, tudo aquilo lhe agradava. Era romântico.

Por baixo do odre tinha as armas, cujo peso fora apurado à sua mão. Os dois cintos cruzavam-se por cima dos genitais. Os coldres estavam tão bem oleados, que nem aquele sol filisteu os conseguia estalar. As coronhas eram de madeira de sândalo, amarela e delicadamente granulada. Os coldres encontravam-se amarrados por uma fita de couro cru e balouçavam-lhe fortemente contra a anca. Os invólucros de latão dos cartuchos enfiados nos cintos cintilavam, lampejavam e heliografavam ao sol. O couro produzia rangidos subtis. As armas propriamente ditas não faziam barulho. Tinham derramado sangue. Não havia necessidade de produzir ruído na esterilidade do deserto.

A sua roupa era da não-cor da chuva e da poeira. Trazia a camisa aberta no pescoço, com uma tira de couro a abanar frouxamente nos ilhós feitos à mão. As suas calças eram um macacão com costura em ziguezague.

Subiu uma duna ligeiramente inclinada (se bem que ali não houvesse areia; o deserto era terreno de ilúvio e até os ventos agrestes que sopravam quando chegava a noite só conseguiam levantar uma irritante poeira agreste que lembrava pó de limpeza) e viu os restos pisados de uma pequena fogueira a sotavento, o lado que o sol abandonaria em primeiro lugar. Este tipo de pequenos sinais, que uma vez mais confirmavam a humanidade essencial do homem de negro, nunca deixava de lhe agradar. Os seus lábios alongaram-se nos restos encovados e escamosos do seu rosto. Agachou-se.

Tinha queimado a erva-do-diabo, claro está. Era a única coisa por ali que efetivamente ardia. Ardia com uma luz gordurosa e uniforme, e ardia devagar. Os habitantes fronteiriços tinham-lhe dito que os diabos viviam inclusivamente nas chamas. Queimavam-na, mas não olhavam para o lume. Diziam que os diabos hipnotizavam, chamavam com um gesto e acabariam por atrair aqueles que olhassem para o fogo. E depois poderíamos ser vistos pelo próximo homem que fosse tolo o suficiente para olhar para o fogo.

A erva queimada entrecruzava-se no padrão ideográfico que já lhe era familiar e desfez-se numa insignificância cinzenta na mão tateante do pistoleiro. A única coisa que sobrava era uns restos de *bacon* esturricados, que ele comeu, pensativo. Sempre tinha sido assim. Fazia agora dois meses que o pistoleiro seguia o homem de negro pelo deserto, através daquela paisagem erma de purgatório, gritantemente monótona e interminável, e ainda tinha de descobrir outro rasto dele para além dos ideogramas higienicamente estéreis dos seus acampamentos. Não encontrara uma única lata, garrafa ou odre (o pistoleiro deixara quatro destas coisas para trás, como peles mortas de cobra).

«Talvez os acampamentos sejam uma mensagem, soletrada letra a letra. *Pisga-te*. Ou: *O fim aproxima-se*. Ou talvez até: *Vai comer noutra freguesia*.» Pouco importava. Ele não compreendia os ideogramas, se é que era disso que se tratava. E os despojos eram frios como são todos. Sabia que estava mais perto, mas não sabia como o sabia. Também não importava. Levantou-se, sacudindo as mãos.

Não havia mais vestígios; claro que o vento, afiado como uma lâmina, levava consigo até as escassas pegadas que o solo rochoso poderia revelar. Ele nunca conseguira sequer encontrar os excrementos da sua presa. Nada. Só aquelas fogueiras frias ao longo da estrada antiga e o inexorável medidor de distâncias na sua cabeça.

Sentou-se e permitiu-se beber um pequeno gole do odre. Verificou o deserto e olhou para o Sol, que agora descia o quadrante mais longínquo do céu. Pôs-se de pé, retirou as luvas do cinto e começou a arrancar erva-do-diabo para a sua própria fogueira, que depositou por cima das cinzas deixadas pelo homem de negro. Achou a ironia, à semelhança do romantismo da sua sede, amargamente apelativa.

Só usou a pederneira e o aço quando a única coisa que sobrava do dia era o calor fugitivo no solo por baixo de si e uma sardónica linha laranja no horizonte ocidental monocromo. Observou pacientemente o Sul, na direção das montanhas, não na expectativa ou esperança de ver a fina linha de fumo de um novo acampamento, mas

olhando simplesmente porque isso fazia parte. Não viu nada. Estava perto, mas só relativamente. Não estava perto o suficiente para ver fumo no crepúsculo.

Lançou a faísca aos pedaços de erva seca e deitou-se contra o vento, deixando que o fumo onírico soprasse em direção ao deserto. O vento era constante, com exceção de uns ocasionais pés de vento rodopiantes.

Lá em cima, as estrelas não piscavam, também elas constantes. Havia sóis e mundos aos milhares. Constelações de fazer a cabeça andar à roda, um fogo frio em todos os matizes primários. Enquanto o observava, o céu passou de violeta para ébano. Um meteoro esboçou um arco breve, espetacular, e apagou-se. O fogo projetava sombras estranhas enquanto a erva-do-diabo ardia, formando com lentidão novos padrões — não se tratava de ideogramas, mas de um quadriculado vagamente assustador na sua assertividade, que não deixava espaço para devaneios. Ele dispusera o combustível num padrão que não era artístico, apenas prático. Falava de brancos e pretos. Falava de um homem que poderia endireitar quadros medíocres em estranhos quartos de hotel. O fogo alimentava a sua chama lenta e constante, e dançavam fantasmas no seu núcleo incandescente. O pistoleiro não viu. Dormia. Os dois padrões, engenhoso e arte, fundiam-se. O vento gemia. De quando em quando, uma corrente de ar perversa fazia o fumo rodopiar e turbilhonar na sua direção e ele era tocado por baforadas esporádicas de fumo. Fabricavam sonhos da mesma maneira que um pequeno agente irritante pode engendrar uma pérola numa ostra. De vez em quando, o pistoleiro gemia com o vento. As estrelas eram tão indiferentes a este facto como o eram às guerras, crucificações, ressurreições. Também isso lhe teria agradado.

2

Tinha descido o último dos contrafortes conduzindo o burro, cujos olhos estavam já mortos e salientes por força do calor. Passara

pela última vila três semanas antes e, desde então, a única coisa que havia era a estrada de diligências deserta e os ocasionais amontoados de cabanas com telhados de colmo dos habitantes fronteiriços. Estes agrupamentos tinham degenerado em habitações individuais, a maior parte das quais era habitada por leprosos ou loucos. Ele achava os loucos melhor companhia. Um deles ofereceu-lhe uma bússola *Silva* em aço inoxidável e pediu-lhe que a desse a Jesus. O pistoleiro aceitou-a com ar grave. Se O visse, entregar-Lhe-ia a bússola. Não esperava que tal acontecesse.

Tinham passado cinco dias desde a última cabana e ele começava a desconfiar de que não encontraria mais nenhuma quando chegou ao cume da última colina erodida e viu o familiar telhado baixo de colmo.

O seu habitante, um homem surpreendentemente jovem com uma desgrenhada guedelha de cabelo cor de morango que quase lhe chegava à cintura, estava a mondar umas canas esqueléticas de milho com um abandono zeloso. O burro soltou um grunhido resfolegado e o eremita ergueu os olhos, uns olhos azuis e brilhantes que, por um instante, se centraram no alvo que era o pistoleiro. Ergueu as duas mãos numa saudação brusca e depois tornou a dobrar-se para o milho, percorrendo o carreiro junto da cabana de costas curvadas e atirando erva-do-diabo e algumas folhas de milho enfezadas por cima do ombro. O cabelo agitava-se e esvoaçava ao vento, que chegava agora diretamente do deserto, sem nada que o quebrasse.

O pistoleiro desceu a encosta devagar, conduzindo o burro que fazia agitar os odres. Fez uma pausa à beira da leira de milho, que tinha um ar morto, bebeu um pouco de um dos odres para produzir saliva e cuspiu no solo árido.

— Vida para as suas colheitas.

— Vida para as suas — respondeu o eremita e pôs-se em pé. As suas costas estalaram.

Observou o pistoleiro sem medo. O pouco do seu rosto que era visível entre a barba e o cabelo parecia intocado pela putrefação, e os olhos, embora um pouco desvairados, pareciam lúcidos.

— Só tenho milho e feijão — disse ele. — O milho é de graça, mas terá de desembolsar alguma coisa pelo feijão. É um homem que o traz de vez em quando. Não fica por muito tempo. — O eremita soltou um riso breve. — Tem medo dos espíritos.

— Imagino que ele ache que você é um deles.

— Imagino que sim.

Entreolharam-se em silêncio por um instante.

O eremita estendeu a mão.

— Chamo-me Brown.

O pistoleiro apertou-lhe a mão. Ao fazê-lo, um corvo escanzelado crocitou no cume baixo do telhado de colmo. O eremita fez um breve gesto na direção do animal.

— Aquele é o Zoltan.

Ao ouvir o seu nome, o corvo crocitou de novo e voou para Brown. Aterrou na cabeça do eremita e empoleirou-se, com as garras firmemente cravadas na desgrenhada guedelha.

— Vai à merda — crocitou alegremente Zoltan. — Vai à merda, tu e o cavalo que te trouxe.

O pistoleiro fez um aceno afável com a cabeça.

— Feijão, feijão, fruta de alto gabarito — recitou o corvo, inspirado. — Quanto mais comes, mais se te solta o apito.

— Ensinou-lhe aquilo?

— É a única coisa que ele quer aprender, parece-me — disse Brown. — Uma vez, tentei ensinar-lhe o pai-nosso. — Os seus olhos divagaram por um instante para além da cabana, em direção ao terreno gretado, monótono. — Mas isto não é terra de pais-nossos. Você é pistoleiro. Não é?

— Sou.

O pistoleiro acorrou-se e pegou no tabaco e no papel. Zoltan lançou-se da cabeça de Brown e foi aterrar, esvoaçante, no seu ombro.

— Atrás do outro, diria eu.

— Sim. — Formou-se-lhe nos lábios a pergunta inevitável: — Há quanto tempo passou ele por aqui?

Brown encolheu os ombros.

— Não sei. Aqui, o tempo é uma coisa estranha. Há mais de duas semanas. Há menos de dois meses. O homem do feijão veio duas vezes desde que ele por aqui passou. Eu diria umas seis semanas. Provavelmente, não é certo.

— Quanto mais comes, mais se te solta o apito — disse Zoltan.

— Ele parou? — perguntou o pistoleiro.

Brown anuiu.

— Ficou para jantar, como fará você, calculo eu. Passámos o tempo.

O pistoleiro levantou-se e o pássaro tornou a voar para o telhado, guinchando. Sentia uma avidez estranha, fremente.

— De que falou ele?

Brown arqueou uma sobrancelha.

— Pouca coisa. Se alguma vez chovia e quando tinha eu vindo para aqui e se tinha enterrado a minha mulher. Fui eu a fazer a maior parte da conversa, o que não é nada habitual. — Fez uma pausa e o único som que se ouvia era o do vento inóspito. — Ele é um feiticeiro, não é?

— É.

Brown anuiu devagar.

— Eu sabia. E você?

— Sou apenas um homem.

— Nunca o apanhará.

— Hei de apanhá-lo.

Trocaram um olhar, com uma súbita profundidade de sentimento entre eles, o eremita sobre o solo seco de poeira que se elevava, o pistoleiro na rocha dura que se estendia em declive até ao deserto. Procurou a pederneira.

— Tome. — Brown sacou de um fósforo com cabeça de enxofre e riscou-o com uma unha encardida.

O pistoleiro encostou a ponta do cigarro à chama e deu uma passa.

— Obrigado.

— Há de querer encher os odres — disse o eremita, virando-se. — A fonte fica debaixo do beiral nas traseiras. Vou começar a fazer o jantar.

O pistoleiro passou cuidadosamente por cima das fileiras de milho e deu a volta para as traseiras. A nascente ficava ao fundo de um poço escavado à mão, ladeada por pedras para impedir que a terra empoeirada cedesse. Enquanto descia os degraus instáveis, o pistoleiro ia pensando que as pedras deviam representar facilmente dois anos de trabalho: içá-las, transportá-las, assentá-las. A água era límpida, mas corria devagar e encher os odres revelou-se uma tarefa demorada. Estava a acabar de encher o segundo quando Zoltan se empoleirou no rebordo do poço.

— Vai à merda, tu e o cavalo que te trouxe — aconselhou ele.

Ergueu os olhos, espantado. O poço tinha uns quatro metros e meio de profundidade: seria muito fácil para Brown atirar-lhe uma pedra, partir-lhe a cabeça e roubar-lhe tudo. Um doido ou um inútil não o fariam; Brown não era nenhuma dessas coisas. Mas ele gostava de Brown, pelo que afastou essa ideia da sua mente e encheu o resto dos odres. O que viesse viria.

Quando entrou pela porta da cabana e desceu os degraus (o túgúrio propriamente dito ficava abaixo do nível do solo, concebido para captar e manter a frescura das noites), Brown estava a empurrar espigas de milho para o meio das brasas de uma fogueira minúscula com uma espátula de madeira rija. Tinham sido colocados dois pratos amolgados em extremos opostos de um cobertor pardo. A água para os feijões começara nesse instante a borbulhar numa panela por cima do lume.

— Também lhe vou pagar a água.

Brown não levantou os olhos.

— A água é uma dádiva de Deus. O Pappa Doc traz os feijões.

O pistoleiro emitiu um grunhido em jeito de gargalhada e sentou-se com as costas apoiadas a uma parede tosca, cruzou os braços e fechou os olhos. Passado um bocado, chegou-lhe ao nariz o cheiro do milho assado. Ouviu-se um chocalhar como que de pedrinhas

a rolar quando Brown deitou um pacote de feijões secos para a panela. E o ocasional *tac-tac-tac* de Zoltan a andar incansavelmente pelo telhado. Estava cansado; andara dezasseis e, por vezes, dezoito horas por dia entre o sítio onde se encontrava agora e o horror ocorrido em Tull, a última vila. E havia doze dias que andava a pé; o burro estava nos limites da sua resistência.

Tac-tac-tac.

Duas semanas, dissera Brown, que podiam ir até seis. Não importava. Tinha havido calendários em Tull, e lá lembravam-se do homem de negro por causa do velho que ele curara enquanto ali passava. Tratava-se simplesmente de um velho a morrer por causa da erva. Um velho de trinta e cinco anos. E, se Brown tinha razão, o homem de negro perdera terreno desde então. Mas seguia-se o deserto. E o deserto iria ser o inferno.

Tac-tac-tac.

«Empresta-me as tuas asas, pássaro. Abro-as e voos nas correntes térmicas.»

Adormeceu.

3

Brown acordou-o cinco horas mais tarde. Estava escuro. A única luz visível era o brilho fraco cor de cereja que vinha das brasas abafadas.

— O seu burro finou-se — disse Brown. — O jantar está pronto.

— Como?

Brown encolheu os ombros.

— Assado e cozido, como é que havia de ser? É esquisito?

— Não, o burro.

— Deixou-se ficar, simplesmente. Parecia ser um burro velho.

— E como que desculpando-se: — O Zoltan comeu-lhe os olhos.

— Ah. — Devia ter estado à espera daquilo. — Está bem.

Brown surpreendeu-o de novo quando se sentaram ao cobertor que lhes servia de mesa ao pedir uma breve bênção: chuva, saúde, expansão para o espírito.

— Acredita na vida depois da morte? — perguntou-lhe o pistoleiro enquanto Brown lhe depositava três maçarocas quentes no prato.

Brown anuiu.

— Acho que é isto.

4

Os feijões eram como balas, o milho, rijo. Lá fora, o vento insistente arquejava e gemia em redor dos beirais ao nível do solo. Comeu depressa, vorazmente, e bebeu quatro copos de água com a refeição. A meio do repasto, ouviu-se um bater na porta semelhante ao barulho produzido por uma metralhadora. Brown levantou-se e deixou Zoltan entrar. O pássaro atravessou a sala a voar e encolheu-se, de mau humor, a um canto.

— É fruta de alto gabarito — murmurou.

Depois do jantar, o pistoleiro ofereceu o seu tabaco.

«Agora. Agora, vêm as perguntas.»

Mas Brown não fez perguntas. Fumou e olhou as brasas moribundas. Já se notava o arrefecimento no telúrio.

— Não nos deixeis cair em tentação — disse Zoltan, súbita e apocalipticamente.

O pistoleiro sobressaltou-se como se tivesse levado um tiro. Teve a súbita certeza de que se tratava de uma ilusão, tudo (não um sonho, não; um encantamento), de que o homem de negro lançara um feitiço e estava a tentar dizer-lhe alguma coisa de uma maneira tão obtusa e simbólica que era de fazer enlouquecer.

— Alguma vez passou por Tull? — perguntou de repente.

Brown anuiu.

— Ao vir para aqui e uma vez para vender milho. Nesse ano, choveu. Durou para aí uns quinze minutos. Foi como se a terra se abrisse e chupasse tudo. Passada uma hora, estava branca e seca como sempre. Mas o milho... meu Deus, o milho. Dava para vê-lo a crescer. Isso não foi assim tão mau. Mas conseguia-se *ouvi-lo*, como se a chuva lhe tivesse dado uma boca. Não era um som alegre. Era como se suspirasse e gemesse ao sair da terra. — Fez uma pausa. — Tive a mais e, por isso, levei-o para vender. O Pappa Doc disse que o fazia, mas iria vigarizar-me. De maneira que lá fui.

— Não gosta da vila?

— Não.

— Quase fui lá morto — disse abruptamente o pistoleiro.

— Ah, sim?

— Matei um homem que tinha sido tocado por Deus — disse o pistoleiro. — Só que não tinha sido Deus. Tinha sido o homem de negro.

— Ele montou-lhe uma armadilha.

— Sim.

Entreolharam-se através das sombras, e aquele momento adquiriu insinuações de finalidade.

«*Agora, vêm as perguntas.*»

Mas Brown não tinha nada a dizer. O seu cigarro era uma beata que ardia devagar, mas, quando o pistoleiro deu uma palmadinha no saco do tabaco, Brown abanou a cabeça.

Zoltan mexeu-se, inquieto; parecia prestes a falar, mas ficou de bico calado.

— Posso falar-lhe disso? — perguntou o pistoleiro.

— Claro.

O pistoleiro procurou as palavras para começar e não encontrou nenhuma.

— Tenho de verter águas — disse ele.

Brown anuiu.

— É da água. Faça no milho, por favor, sim?

— Sim, claro.

Subiu as escadas e mergulhou no escuro. As estrelas brilhavam lá em cima em salpicos loucos. O vento vibrava, constante. A urina fez um arco por cima do campo de milho empoeirado num fluxo vacilante. O homem de negro enviara-o para ali. Brown até podia ser o próprio homem de negro. Podia ser...

Afastou os pensamentos. A única contingência que não aprendera a suportar era a possibilidade da sua própria loucura. Voltou para dentro.

— Já decidi se eu sou ou não um feitiço? — perguntou Brown, divertido.

O pistoleiro fez uma pausa no patamar minúsculo, espantado. Depois, desceu devagar e sentou-se.

— Comecei a falar-lhe de Tull.

— Está a crescer?

— Está morta — disse o pistoleiro, e as palavras pairaram no ar. Brown anuiu.

— O deserto. Acho que pode vir a estrangular tudo. Sabia que houve em tempos uma estrada para as diligências que atravessava o deserto?

O pistoleiro fechou os olhos. Tinha a mente a mil à hora.

— Drogou-me — disse ele, com uma voz pastosa.

— Não. Não fiz nada.

O pistoleiro abriu cautelosamente os olhos.

— Não vai sentir-se à vontade a menos que seja eu a pedir-lhe que o faça — disse Brown. — Por isso, peço. Fala-me sobre Tull?

O pistoleiro abriu a boca, hesitante, e ficou surpreendido ao descobrir que, desta vez, as palavras estavam lá. Começou a falar em golfadas frouxas que, lentamente, se foram alongando numa narrativa constante, ligeiramente monótona. A sensação de estar drogado abandonou-o e deu por si estranhamente entusiasmado. Falou noite dentro. Brown não o interrompeu. Nem o pássaro.

5

Comprara o burro em Pricetown e, ao chegar a Tull, ele continuava fresco. O Sol pusera-se uma hora antes, mas o pistoleiro prosseguira viagem, guiado pelo brilho da vila no céu e, depois, pelas notas insolitamente claras vindas de um bar com piano, que tocava «Hey Jude». A estrada alargava-se ao apanhar outras secundárias.

As florestas tinham desaparecido havia muito, substituídas pela paisagem plana e monótona: campos infundáveis e desolados entregues à erva-dos-prados e aos arbustos rasteiros, choupanas, propriedades insólitas e desertas, guardadas por mansões taciturnas e sombrias, por onde sem dúvida andariam demónios; barracões vazios, lubrificados, que as pessoas ou tinham abandonado ou de onde tinham sido obrigadas a sair, os ocasionais moradores de telúrios, denunciados por um único ponto de luz tremeluzindo no escuro, ou por clãs taciturnos e consanguíneos a trabalharem em silêncio nos campos durante o dia. O milho era a colheita principal, mas havia feijões e também algumas ervilhas. Ocasionalmente, uma vaca escanzelada olhava estupidamente para ele por entre troncos descascados de amieiro. Passaram diligências por ele quatro vezes, duas a vir e duas a ir, quase vazias quando o alcançaram e ao seu burro por trás, mais cheias quando se dirigiam para as florestas do Norte.

Era uma terra feia. Tinha chovido duas vezes desde que saíra de Pricetown, uma chuva relutante de ambas as vezes. Até a erva-dos-prados estava com um ar amarelo e desanimado. Uma terra feia. Não vira nem sinal do homem de negro. Talvez tivesse apanhado uma diligência.

A estrada fazia uma curva e, ao dobrá-la, o pistoleiro fez um estalido com a língua para que o burro parasse e olhou para Tull. Assentava no fundo de um fosso circular, em forma de taça, uma joia falsa num cenário rasca. Havia uma série de luzes, a maior parte das quais se agrupava em redor da zona da música. Parecia haver quatro

ruas, três delas perpendiculares à estrada das diligências, que era a avenida principal da vila. Talvez houvesse um restaurante. O pistoleiro duvidava, mas talvez. Estalou a língua ao burro.

Havia agora mais casas a ladearem esporadicamente a estrada, a maior parte das quais continuava deserta. Passou por um cemitério pequenino com lousas de madeira bolorentas, descaídas, cobertas e estranguladas pela malcheirosa erva-do-diabo. Talvez uns cento e cinquenta metros mais à frente, passou por uma tabuleta carcomida onde se lia: TULL.

A tinta estava lascada quase ao ponto da ilegibilidade. Havia outra um pouco mais à frente, mas essa o pistoleiro não conseguiu ler de todo.

Um coro de bobos, de vozes meio pedradas, erguia-se no final prolongado da letra de «Hey Jude» — «*Naa-naa-naa naa-nana-na... hey Jude...*» — quando ele entrou na vila propriamente dita. Era um som morto, como o do vento no interior oco de uma árvore apodrecida. A única coisa que o salvava de considerar seriamente se o homem de negro não teria trazido fantasmas para habitarem uma vila deserta era a prosaica batida e a vibração do piano no bar. Esboçou um pequeno sorriso perante esse pensamento.

Viam-se umas quantas pessoas na rua, não muitas, mas algumas. Três senhoras de calças pretas e blusas idênticas com gola de marinheiro atravessaram o passadiço de madeira em frente, não olhando para ele com muita curiosidade. Os seus rostos pareciam nadar por cima dos respetivos corpos praticamente invisíveis como grandes e lívidas bolas de basebol com olhos. Um velho solene com um chapéu de palha firmemente empoleirado na cabeça olhava-o dos degraus de uma mercearia entaipada. Um alfaiate escanzeado com um cliente tardio fez uma pausa para o ver passar; ergueu a candeia à janela para ver melhor. O pistoleiro fez um aceno com a cabeça. Nem o alfaiate nem o cliente retribuíram o gesto. Sentia os olhos deles fortemente pousados nos coldres descaídos que trazia colados às ancas. Um rapaz, com os seus treze anos, e a namorada atravessaram a rua um quarteirão mais à frente, fazendo uma

pausa impercetível. Quando os seus pés tocavam no chão, faziam levantar nuvenzinhas de poeira que se demoravam no ar. Alguns lampiões funcionavam, mas as laterais envidraçadas encontravam-se enevoadas pelo petróleo solidificado. A maioria estava partida. Havia uma estrebaria, que provavelmente dependia da estrada de diligências para a sua sobrevivência. Estavam três rapazes, agachados em silêncio à volta de um círculo para o jogo do berlinde desenhado na poeira de um dos lados da porta escancarada do celeiro, a fumarem cigarros de casca de milho. Projetavam sombras compridas no terreiro.

O pistoleiro passou por eles com o burro e olhou para o interior sombrio do celeiro. Um lampião brilhava desmaiadamente e uma sombra saltava e tremeluzia enquanto um velho desengonçado de macacão juntava erva-dos-prados solta e a atirava para o monte de fe-no com fortes arremessos resmoneantes da sua forquilha.

— Viva! — chamou o pistoleiro.

A forquilha vacilou e o estribeiro virou-se, irritado.

— Viva vossemecê!

— Tenho aqui um burro.

— Ainda bem para si.

O pistoleiro lançou uma pesada moeda de ouro serrilhada para a semiobscuridade. A peça ressoou nas tábuas velhas, onde se amontoava a palha, reluzindo.

O estribeiro avançou, dobrou-se, apanhou-a e semicerrou os olhos para o pistoleiro. Baixou-os depois até às armas no cinto e anuiu amargamente.

— Quanto tempo o quer fechado?

— Uma noite. Talvez duas. Talvez mais.

— Não tenho troco para ouro.

— Não estou a pedir troco.

— Dinheiro de sangue — murmurou o homem.

— Como?

— Nada. — Pegou no freio do burro e levou-o para dentro.

— Escove-o! — gritou o pistoleiro.